



Religiões e paz: Perspectivas teológicas para uma aproximação ecumênica das religiões

Religion and peace: Theological perspectives for an ecumenical approach of religions

Cláudio de Oliveira Ribeiro*

Resumo

Este artigo trata das possibilidades de uma teologia ecumênica das religiões, tendo como eixo articulador a preocupação com a paz, a justiça e a integridade da criação. O objetivo é analisar temas de destaque para o cenário das análises sociais e teológicas, como: a) o valor do humano e da ética social para o diálogo inter-religioso; b) as possibilidades de uma unidade aberta, convidativa e integradora no âmbito das religiões; c) a importância pública das religiões; d) as religiões como códigos de comunicação; e) o poder do império e o poder do diálogo das religiões. Para isso, vamos contar com as contribuições de Hans Küng (1993; 1999; 2004); Jürgen Moltmann (1992; 1998; 2004; 2007); Julio de Santa Ana (2010); Xavier Pikaza Ibarrondo (2002; 2008); e José Comblin (2005), respectivamente. A proposição é que a perspectiva ecumênica, uma vez articulada com as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais, dentro dos variados contextos históricos, pode oferecer densidade e amplitude à reflexão teológica. Os esforços que valorizam a capacidade de diálogo e de sensibilidade ecumênica e aqueles que destacam a importância pública das religiões partem da concepção de que a perspectiva ecumênica, tanto em nível prático quanto em nível teórico-metodológico, requer e possibilita uma compreensão mais apurada da realidade, um aperfeiçoamento de visões dialógicas e o cultivo de maior sensibilidade para a valorização da vida e para a promoção da paz e da justiça.

Palavras-chave: Teologia das religiões. Ecoteologia. Paz. Justiça. Ecumenismo.

Abstract

This paper focus on the possibilities of an ecumenical theology of religions, having as a its principal concern peace, justice and integrity of creation. It aims to analyze some central issues for the social and theological scenario, such as: a) humanity and social ethics for interreligious dialogue; b) the possibilities for an open, engaging and inviting interreligious unity; c) the public relevance of religions; d) religions as communicating codes; e) the imperial powers and the power of religious dialogue. We will take into account the contributions of Hans Küng, Jürgen Moltmann, Julio de Santa Ana, Xavier Pikaza and José Comblin. The study affirms that the ecumenical perspective, once articulated to social, political, economic and cultural dimensions, within the various theological contexts, can offer density and extension for the theological reflection. Efforts that value the capacity for dialogue and ecumenical sensibility and those that highlight the public importance of religions start from the conception that the ecumenical perspective, both in the practical and in the theoretical-methodological levels, requests and makes it possible for a deeper comprehension of the reality, an improvement of dialogic visions and the cultivation of more expressions of sensibility for the valorization of life and for the promotion of peace and justice.

Key words: Theology of religions. Ecotheology. Peace and justice

Artigo recebido em 4 de junho de 2012 e aprovado em 2 agosto de 2012.

*Doutor (2000) e Mestre (1994) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (2006) e pelo Seminário Metodista César Dacorso filho (1985). Atualmente é Professor Titular da Universidade Metodista de São Paulo. Brasil E-mail: claudio.ribeiro@metodista.br

Introdução

Um dos temas que mais interpelou a reflexão teológica na primeira década deste milênio é o papel das religiões nos processos de estabelecimento da paz, da justiça e da sustentabilidade da vida. Diversos círculos teológicos e cientistas da religião têm se debruçado no quadro sociorreligioso mundial para compreender os processos de abertura e de diálogo entre grupos de tradições religiosas distintas, em diversas frentes de ação, assim como os processos de enrijecimento das perspectivas religiosas, com o fortalecimento de formas de caráter fundamentalista, com o aguçamento de conflitos e com o reforço de culturas de violência.

A reflexão que apresentamos a seguir tem como eixo articulador a preocupação com a paz, a justiça e a integridade da criação. Para isso, metodologicamente, identificamos temas de destaque no cenário das análises sociais e teológicas, e elegemos, em uma lista considerável de teólogos, tanto latino-americanos como de outros continentes, algumas contribuições que, por diferentes razões, consideramos relevantes para as temáticas em questão. Nosso objetivo é analisar: a) o valor do humano e da ética social para o diálogo inter-religioso; b) as possibilidades de uma unidade aberta, convidativa e integradora no âmbito das religiões; c) a importância pública das religiões; d) as religiões como códigos de comunicação; e e) o poder do império e o poder do diálogo das religiões. Para isso, vamos contar, respectivamente, com as contribuições de Hans Küng (1993; 1999; 2004); Jürgen Moltmann (1992; 1998; 2004; 2007); Julio de Santa Ana (2010); Xavier Pikaza Ibarrondo (2002; 2008); e José Comblin (2005).

1 O valor do humano e da ética social para o diálogo interreligioso

As grandes questões que afetam a humanidade e toda a criação requerem, por suposto, indicações teológicas consistentes. Como são diversas as indagações sobre a vida, em especial os temas que envolvem a paz e a justiça no mundo, são

necessários eixos norteadores para que a reflexão teológica tenha a abrangência capaz de ser relevante diante dos desafios que a sociedade apresenta. A perspectiva ecumênica é um desses eixos. Ela, uma vez articulada com as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais, dentro dos variados contextos históricos, pode oferecer amplitude para o debate teológico dos temas emergentes no cenário global. Poucos teólogos conseguem essa articulação. Hans Küng é um deles.

Hans Küng é autor de muitos livros, entre eles *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana* (1993) e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns* (2004). Neste último, o autor procura compreender as religiões examinando os contextos sociais, políticos e históricos das expressões religiosas mais destacadas na atualidade. Küng, a partir de uma prática significativa de diálogos, viagens a diferentes países, observações de variadas culturas, distingue três grandes correntes de religiões: as originárias da Índia, como o hinduísmo e o budismo, cuja figura-chave é o místico; as originárias da China, como o confucionismo e o taoísmo, cuja figura-chave é o sábio; e as originárias do Oriente Médio, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, cuja figura-chave é o profeta. A pressuposição básica de Küng (2004, p. 17) pelo interesse nas religiões é que “não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais”. Daí, temos a concepção do autor de que a verdadeira humanidade é pressuposto da verdadeira religião, e uma verdadeira religião é o aperfeiçoamento de uma verdadeira humanidade. Nas palavras do autor:

De fato, a religião sempre se mostrou mais convincente – muito antes da ideia moderna de autonomia – quando ressaltou eficazmente o humano na perspectiva do Absoluto: basta citar o Decálogo (“Dez Mandamentos”), o sermão da montanha, o Corão, os discursos de Buda e a Bhagavadgita (KÜNG, 1999, p. 276).

Para Küng, as religiões, não obstante os conflitos, encontram-se em um processo de uma nova reflexão sobre a vida, com um desenvolvimento positivo dos

processos de humanização. Ele retoma, assim, a Declaração da “Conferência Mundial das Religiões pela Paz” em Kyoto (Japão), em 1970:

Quando estivemos juntos para tratar do importantíssimo tema da paz, descobrimos que as coisas que nos unem são mais importantes do que as coisas que nos separam: uma profunda convicção da unidade fundamental da família humana e da igualdade e dignidade de todos os seres humanos; um sentimento da inviolabilidade do indivíduo e de sua consciência; um sentimento de valor da comunidade humana; a consciência de que o poder não se identifica com a justiça, de que o poder humano não é autossuficiente nem pode ser absoluto; a crença de que o amor, a misericórdia, o altruísmo e a força do espírito e da sinceridade têm mais poder a longo prazo do que o ódio, a inimizade e o egoísmo; um sentimento de compromisso a favor dos pobres e oprimidos, e contra os ricos e opressores; e uma profunda esperança de que finalmente triunfará a boa vontade (KÜNG, 1999, p. 278).

Em *Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico* (1999), Küng apresenta uma plataforma teológica que possa responder às questões que emergem na pós-modernidade, com destaque para os aspectos básicos de uma teologia ecumênica, vistos por ele, não como conteúdos ao lado de outros, mas como método teológico. Daí o significativo título do livro: “teologia a caminho”.

Na primeira parte da obra, Küng analisa os conflitos clássicos da experiência ecumênica cristã, como os instaurados no período da Reforma Protestante no século XVI e os relativos à tensão entre as interpretações da Bíblia e a tradição das igrejas.

A segunda parte é dedicada às questões de natureza metodológica, baseadas na mudança de paradigma na teologia e nas ciências, de acordo com o legado de Thomas Kuhn. Nesse sentido, são apresentados tanto o paradigma do tradicionalismo católico como as renovações efetuadas no século XX, sobretudo por Karl Rahner, no contexto católico romano, e por Karl Barth, no contexto evangélico, para inventariar processos que culminam com uma referência teológica para o paradigma pós-moderno, cujo perfil é o de uma teologia ecumênica crítica. Para Küng, tal perspectiva possui

[...] uma tradução muito concreta: uma teologia que, numa nova era, procura ser *ao mesmo tempo*: 1) ‘Católica’, continuamente preocupada pela ‘totalidade’, pela ‘universalidade’ da Igreja e, ao mesmo tempo, ‘evangélica’ em estrita referência à Escritura e ao Evangelho. 2) ‘Tradicional’, sempre responsável perante a história, e, ao mesmo tempo ‘de acordo com a época’, encarando seriamente os problemas do presente. 3) ‘Cristocêntrica’, em todo momento cristã, e, ao mesmo tempo, ‘ecumênica’, aberta à *ecumene*, a todo mundo habitado, todas as igrejas, religiões e regiões. 4) Teórico-científica, dedicada à doutrina e à verdade, e, ao mesmo tempo prático-pastoral, preocupada com a vida, com a renovação e com a reforma. (KÜNG, 1999, p. 238, grifos do autor).

Intitulada “Por uma teologia das grandes religiões”, a terceira parte da obra parte da pressuposição de que “a concórdia entre as religiões é condição prévia para a paz entre as nações”. Defende-se a ideia e se aplica, ainda que preliminarmente, de que uma análise global da situação religiosa atual é urgente e necessária, tanto para a compreensão do contexto religioso em geral e o de cada expressão religiosa em particular quanto para a análise dos antagonismos, paralelismos, divergências e convergências no diálogo entre religiões. Nessa análise surgem com força duas dimensões dialéticas, onde a verdadeira humanidade, entendida como o respeito da dignidade e dos valores fundamentais do ser humano, é pressuposto de verdadeira religião, e uma verdadeira religião, como expressão de um sentimento global, de valores supremos e obrigatoriedade incondicional, é o aperfeiçoamento de uma verdadeira humanidade.

Küng (1999, p. 290) relembra que “nenhuma religião possui *toda* a verdade. *Apenas* Deus possui a *verdade plena*... Só o próprio Deus – qualquer que seja o seu nome – é a verdade”. Ele também afirma que

[...] todas as religiões devem ser mais sensíveis às exigências do humano. Este patrimônio humano de todos os homens é um critério ético geral, válido para todas elas em seu conjunto. Mas as religiões também devem lembrar-se continuamente [...] de sua *essência primitiva*, que resplandece em suas origens, em seus escritos canônicos e em suas instituições básicas. Ao mesmo tempo, deverão estar muito atentas a seus críticos e reformadores, profetas e sábios, que lhes lembram constantemente as infidelidades à sua verdadeira essência ou a sua traição [a ela] (KÜNG, 1999, p. 280, grifo do autor).

Para Küng, o humano é o critério ético geral; consideradas as suas relações fundamentais de alteridade: com o outro, com a história, com a natureza, com o cosmo e com o transcendente. Quando um grupo religioso compara sua própria religião com as outras, mas, também, quando reflete sobre os próprios equívocos e abusos, abre-se a possibilidade de se apresentar para todas as religiões a pergunta sobre critérios do verdadeiro e do bom, isto é, *de critérios comuns*, que possam ser aplicados a todas as religiões. Tal perspectiva não pode perder de vista o problema dos direitos dos povos e as questões que envolvem a crise planetária.

2 Por uma teologia que vislumbre uma unidade aberta, convidativa e integradora

As lógicas de dominação que ganharam força no período moderno, não obstante a todos os avanços nos processos de humanização, de consciência social e política críticas e de despertar para as questões ecológicas que afetam a vida, geraram culturas autoritárias, pouco dialógicas e legitimadoras das formas de exclusão social. Tais lógicas, como se sabe, afetaram e foram afetadas pelas experiências religiosas.

Entre diversos pensadores que buscam reflexões de caráter mais global está Jürgen Moltmann, que é um dos nomes mais destacados no campo teológico na atualidade. Uma questão que tem se revelado crucial no pensamento teológico do autor são os temas ecológicos. Tal preocupação, fundamental para o diálogo ecumênico, perpassa também textos sistemáticos como *Deus na criação: doutrina ecológica da criação* (1992), *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia* (2007) e *O espírito da vida: uma pneumatologia integral* (1998). Essa visão impulsiona o autor a refletir sobre a paz mundial e o diálogo entre as religiões.

Em *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã* (2004), Moltmann articula as perspectivas do seu método teológico com a sua trajetória de vida, como lhe é peculiar no seu trabalho intelectual. Nesse

sentido, então, ganham destaque os temas e caminhos teológicos marcados pelas experiências de diálogo e de aproximação ecumênica.

Moltmann apresenta os lugares da existência teológica, com destaque para a lógica plural que leva em conta simultaneamente as experiências pessoais e comunitárias, eclesiais e seculares, cristãs e não cristãs. Nesse sentido, o autor considera fundamental para o método teológico que haja articulação entre a) a dimensão acadêmica e a popular, para não permitir que a teologia se distancie das situações fundamentais da vida e, assim, perca a sua dimensão pública e a sua referência ao Reino de Deus; b) entre as visões confessionais e as críticas ateístas à teologia e à religião, pois o caráter antiteológico da crítica moderna à religião (cf. Nietzsche, Marx e Freud) pode tornar-se significativamente teológico à medida que revela o desejo humano mais profundo; e c) entre as visões de diferentes religiões, pois elas aguçam a capacidade de aprender a dialogar e a identificar os pontos de conflitos visando à paz.

A hermenêutica da esperança, traço fundamental da teologia de Moltmann, é apresentada na obra dentro das perspectivas já por ele consagradas: a lógica da promessa e a aliança divino-humana, esperança e futuro e a metáfora do futuro esperado e desejado. Tal perspectiva fundamenta teologicamente as possibilidades históricas de diálogo ecumênico e os projetos de paz no mundo.

Moltmann distingue duas formas de diálogo entre as religiões. O direto, que trata da confrontação das diferentes concepções religiosas acerca da transcendência e da salvação, da compreensão do ser humano e da natureza. Esse se dá mais efetivamente nas chamadas “religiões mundiais”, em geral firmadas em argumentações lógicas e verbais em função de certo preparo por serem “religiões do livro”. É comum que “religiões naturais” que se estabelecem fora da lógica ocidental em diferentes continentes não estejam representadas nessa forma de diálogo. Moltmann, contudo, destaca o diálogo indireto, que, por sua natureza, envolve as religiões de forma mais ampla, indo além das expressões religiosas mais

racionais e ocidentalizadas. Essa forma de diálogo

[...] tem lugar atualmente no nível local sobre questões sociais e no nível mundial sobre questões ecológicas. Não se trata aí de um intercâmbio de ideias religiosas, mas do reconhecimento comum das atuais ameaças letais ao mundo e da busca por caminhos comuns para escapar delas. O que fizeram as “religiões mundiais” para justificar a moderna destruição do mundo? O que podem elas fazer para salvar a terra comum? Onde há forças hostis à vida, dispostas à violência e destruidoras do mundo nas religiões, e que mudanças se fazem necessárias para transformar as religiões em forças da humanidade capazes de promover a vida e preservar o mundo? Esse diálogo é *indireto*, porque não estamos falando sobre nós mesmos ou uns sobre os outros, mas conjuntamente sobre um terceiro assunto. Encontramo-nos num diálogo indireto também quando buscamos o diálogo inter-religioso para descobrir um “[*éthos*] mundial” para a “paz mundial” (MOLTMANN, 2004, p. 30, grifos do autor).

O caráter ecumênico do método teológico de Moltmann se revela nos reflexos de teologia libertadora que ele apresenta na obra. Para isso, descreve as interpelações que a teologia negra nos Estados Unidos, a teologia da libertação surgida na América Latina, a teologia *miniung* da Coreia e a teologia feminista fazem ao método teológico. Ele considera que tais visões

[...] são imagens do mundo ocidental refletidas nos olhos de suas vítimas [...] e foram desenvolvidas bem conscientemente dentro do seu *contexto* político, social e cultural, no seu *kairós* historicamente condicionado e para a camada social, grupo ou comunidade caracterizada pela espoliação, opressão e alienação (MOLTMANN, 2004, p. 158, grifo do autor).

No entanto, o autor também apresenta questões que tocam a radicalização da proposta libertadora ao situar a dinâmica da opressão também a partir do viés religioso, e pergunta: “Se as formas atuais de teologias contextuais da libertação levam para além do cristianismo, onde fica, então, a sua identidade cristã?” (MOLTMANN, 2004, p. 251).

As reflexões culminam com a descrição da teologia cristã da Trindade, entendida como “lugar espaçoso” e inclusivo. Nela emerge o conceito pericorético

da unidade e a experiência da comunhão. A unidade trinitária

[...] não é uma unidade fechada em si mesma, exclusiva, mas uma unidade aberta, convidativa e integradora, assim como Jesus ora ao Pai pelos discípulos em Jo 17,21 “[...] para que também eles estejam *em nós*”. Essa coabitação dos seres humanos no Deus triúno corresponde perfeitamente à coabitação inversa do Deus triúno nos seres humanos (MOLTMANN, 2004, p. 268, grifo do autor).

Essa visão corresponde a uma promissora base teológica para uma teologia ecumênica das religiões.

3 A importância pública das religiões

Um dos elementos que desafia fortemente a reflexão teológica é o destino da humanidade e do cosmo. Os esforços que valorizam a capacidade de diálogo e de sensibilidade ecumênica e aqueles que destacam a importância pública das religiões têm a pressuposição de que a espiritualidade ecumênica não somente requer como possibilita visão dialógica e profunda sensibilidade para a valorização da vida e a promoção da paz e da justiça. Diversos pensadores de renome, como Hans Küng e Jürgen Moltmann, no campo europeu, como vimos, têm contribuído para tais reflexões. No campo latino-americano, queremos destacar o teólogo Julio de Santa Ana, pois ele aprofundou a reflexão sobre os desafios pastorais no contexto sociopolítico latino-americano, enfocando a renovação eclesiológica a partir da experiência dos pobres, o ecumenismo e a crítica às instituições políticas e eclesíásticas. É dele a conhecida obra *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus* (1987).

Como teólogo e cientista social, Júlio de Santa Ana prezou sempre pelo pensamento crítico e pela renovação das ideias. Defende com ardor que a teologia não pode ser uma repetição de fórmulas elaboradas em outros tempos e em outros contextos. Em diálogo com Hugo Assmann, Franz Hinkelammert e Ulrich Duchrow, Julio de Santa Ana contribuiu para os fundamentos e o aprofundamento

das reflexões em torno da relação entre teologia e economia. Em *O amor e as paixões* (1989), ele apresenta uma densa crítica teológica à economia política.

A trajetória ecumênica de Julio de Santa Ana, seja pela sensibilidade dele com as comunidades eclesiais de base e movimentos populares, seja pela participação expressiva no movimento ecumênico que está em torno das ações do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), despertou-o para a importância das religiões nos processos de promoção da paz e da justiça. Tal visão é fruto da conhecida tríplice dimensão do ecumenismo que Santa Ana aprendeu e ensinou: a *unidade cristã*, a partir do reconhecimento do escândalo histórico das divisões e de uma preocupação em construir perspectivas missionárias ecumênicas; a *promoção da vida*, firmada nos ideais utópicos de uma sociedade justa e solidária e na compreensão de que eles podem reger a organização da sociedade integrando todos os de “boa vontade”; e o *diálogo inter-religioso*, na busca incessante da superação dos conflitos, da paz e da comunhão universal dos povos.

Julio de Santa Ana apresenta uma reflexão sobre a importância pública das religiões e o lugar delas na busca pela paz em “Diálogos inter-religiosos: dificuldades e promessas” na obra *Religiões e paz mundial* (2010), organizada Sociedade de Teologia e Ciências da Religião do Brasil (Soter). O seu ponto de partida é apresentar as críticas que foram feitas aos pensamentos secularizantes, inclusive teológicos, que marcaram o Século XX, sob a inspiração, sobretudo, de Max Weber, que relegava às religiões uma progressiva diminuição do papel de interferência no cenário social e político. Santa Ana mostra que, em diferentes contextos, as religiões nos últimos anos se mostraram relevantes nos acontecimentos e processos sociais e estiveram bem relacionadas com os diferentes aspectos da vida. Esse entrelaçamento com as múltiplas dimensões da vida social tem produzido ações de colorações ideológicas distintas, por vezes até mesmo antagônicas, ora reforçando ou gerando formas de violência, ora sendo construtoras da paz e da justiça. O fato é que não se pode negar a importância pública das crenças religiosas.

Diante disso, é de fundamental importância uma análise atenta aos processos religiosos que florescem no mundo todo e como eles se inter-relacionam entre si e dentro de cada tradição. Esse conjunto de relacionamentos, favorecido enormemente pelos processos de globalização e de fortalecimentos de instituições internacionais governamentais e não governamentais, forjam relacionamentos positivos entre os povos do mundo. Ao mesmo tempo, há situações nas quais tal aproximação se desvanece, o que gera as possibilidades de reinício dos conflitos.

A compreensão da situação conflitiva das religiões possibilita percebê-las não somente como negativas, uma vez que podem ser portadoras de uma nova sensibilidade sobre a necessidade de se superar os antagonismos e a intolerância. É por isso o autor reafirma que

[...] esta possibilidade leva-nos, mais uma vez, a considerar que as religiões devem ser analisadas e interpretadas como parte muito importante da vida pública. Certamente, desempenham a função de por em relação (*religare*, segundo a palavra latina) os crentes com o Ser Supremo, com a Realidade Última (segundo a expressão de Paul Tillich). Mas, ficaríamos num tipo de visão míope e nem perceberíamos que este contato pode ser feito em *todos* os níveis da vida (SANTA ANA, 2010, p. 106, grifo do autor).

Portanto, não obstante os aspectos negativos das interfaces das religiões com a cultura e com a política, ao gerar formas de violência, um olhar teológico sobre as religiões deve priorizar a abertura dialogal presente na vida, como elemento antropológico. O diálogo aumenta a capacidade humana de autorrealização e de realização do outro. Ele é um reconhecimento de que o outro me permite uma transição para uma nova posição. Tal situação estimula e possibilita as práticas do fazer-se humano e, ao mesmo tempo, cria condições para que os processos teóricos de compreensão da vida sejam mais completos e consistentes. “Quando o diálogo é estabelecido, não só se experimenta uma preocupação teórica (quem dialoga conosco), mas também é manifestado um compromisso prático, que, ademais, exige uma compreensão mútua” (SANTA ANA, 2010, p. 112). Trata-se do *Eu e Tu*, de Martin Buber. É a consciência se descobrindo a si mesma como existência graças ao outro. Essa tem sido e transparece como forte necessidade de ser uma das

fontes fundamentais de inspiração do movimento ecumênico. Nas palavras do autor:

Assim, vai-se tecendo a trama da *teologia das religiões*. Está muito próximo o assunto do diálogo inter-religioso. E, podemos dizer tendo em conta seu caráter inovador, que converge com a teologia da libertação. No contexto de fazer teológico, tal como se apresenta em nosso tempo, é uma verdadeira promessa. E, como tal, indica novos rumos à teologia. Não é o momento de analisá-la. Seu exame nos levaria a considerar questões fundamentais para nossas maneiras de viver as diferentes expressões de fé (SANTA ANA, 2010, p. 116-117).

4 As religiões como códigos de comunicação

Muitos se perguntam sobre as possibilidades de as religiões serem canais de diálogo e de promoção da paz e não fonte geradora de violência. As análises são as mais complexas possíveis e os fatos revelam bases para ambos os argumentos. Elas, por suposto, estão marcadas pelas condições econômicas e políticas. O teólogo Xavier Pikaza Ibarrondo tem como uma de suas áreas de interesse o tema da violência em relação às religiões. Os resultados de suas pesquisas nesse campo, por mais de duas décadas, estão bem apresentados na obra *Violência e diálogo das religiões: um projeto de paz* (2008). A obra revela sua importância em especial pelo fato de ter sido elaborada dentro do contexto de preparação do *Parlamento das religiões do mundo* (2004). Nela, o autor apresenta elementos teóricos para análise do potencial dialógico das religiões, assim como a força destrutiva e geradora da violência presentes nelas. Embora analítico, o livro se propõe também a ser uma plataforma teológica de paz que possa despertar a consciência adormecida de homens e mulheres que, mesmo sendo religiosos, toleram a violência.

As reflexões e pesquisas de Xavier Pikaza Ibarrondo giram em torno de dois eixos, e eles são apresentados na referida obra. O primeiro é o estudo da paz e da violência como realidades antropológicas. Ou seja, o ser humano nasceu de intensos processos de seleção natural e, com isso, foram conservados determinados impulsos de viver a vida no confronto, discórdia e guerra com grupos ou espécies

menos fortes. Como o processo evolutivo e seletivo gerou certo domínio para o humano, especialmente no controle da terra e dos astros, o foco destruidor voltou-se para o próprio humano.

Outro eixo de análise é o estudo das religiões propriamente dito, uma vez que, mesmo que elas oscilem entre a violência e a paz, parece haver uma tendência ou anseio em cada uma delas de uma reconciliação universal. Nesse sentido, são necessários esforços de compreensão, especialmente dos elementos condicionantes e conjunturais das experiências religiosas, como os projetos econômicos, particularmente o capitalista, e projetos políticos de perfil terrorista.

Esses dois eixos de pesquisa possibilitam um projeto de paz religiosa. A partir de vinte teses que fundamentam a sua proposição teológica pela paz, Xavier Pikaza Ibarrondo defende que

[...] a paz é Palavra, não argumento. O argumento, enquanto palavra separada da vida, é uma ideologia que plana acima da humanidade, como uma lei que se impõe sobre ela. A Igreja [*e aqui poderíamos pressupor as religiões em geral e na particularidade de cada uma delas*], ao contrário, só pode oferecer paz sendo ela mesma palavra encarnada de paz (PIKAZA IBARRONDO, 2008, p. 227, grifo nosso).

Em *Monoteísmo e globalização: Moisés, Jesus e Muhammad* (2002), Xabier Pikaza Ibarrondo estuda o cristianismo, o judaísmo e o islamismo dentro do quadro paradoxal da modernidade que gerou os processos excludentes de globalização econômica. As análises do autor indicam que as religiões podem contribuir para a crítica às formas de globalização desumanizada, que cresceu sob a égide do desenvolvimento técnico, do mercado e das comunicações, mas não produziu “um projeto de vida que se abra generosamente a todos, um espírito concorde, um código real de comunhão que nos permita dialogar com pessoas e alcançar a paz *universal*” (PIKAZA IBARRONDO, 2008, p. 16). As religiões não possuem soluções para os embates gerados pela globalização econômica, mas podem oferecer no plano simbólico e no plano prático dos diálogos suas inspirações proféticas e suas utopias sociais. As referidas religiões afirmam que Deus se revelou e que as comunidades que partilham desse processo revelatório respondem

positivamente a ele, o que as leva ao caminho do mistério e da transcendência. Esse caminho se expressa em forma de encontro, de comunicação universal e de comunhão inter-humana, não obstante as ameaças da “ditadura” do sistema econômico e suas formas administrativas e da luta de religiões.

No caso da fé cristã, Pikaza Ibarrondo realça a contribuição que ela pode dar ao diálogo inter-religioso ao destacar, pelo menos, dois aspectos. O primeiro é que as religiões constituem âmbitos de gratuidade e de comunicação, não obstante as pressões ideológicas sectárias, de dominação e geradoras de violência. O segundo é que a visão trinitária cristã é fonte de alteridade, comunhão, de abertura ao transcendente e de despertar do sentido de acolhida e de transmissão da vida; o que ele chama de “transbordamento”:

Este transbordamento não se traduz num puro voluntarismo ou ausência de relação, mas bem ao contrário: a transcendência do Deus das religiões (e em especial da cristã) suscita códigos de comunicação em gratuidade e abre espaços em que os humanos possam se encontrar, dando-se a vida e recebendo-a uns dos outros, em esperança de ressurreição. Externamente, as igrejas ou comunidades religiosas podem ser comparadas com outras instituições sociais (nações e estados, grupos culturais e associações humanitárias etc.), mas têm algo diferente: a experiência de gratuidade (nada se compra nem se vende: Pai), o valor infinito das pessoas (vitória sobre a morte: Filho) e o gozo da comunhão que vale por si mesma (Espírito Santo) (PIKAZA IBARRONDO, 2002, p. 276-277).

Tal perspectiva afeta as relações entre religião e sociedade global; que, como sabemos, são diversas e complexas. Entre as manifestações que possam representar alternativas ao sistema econômico neoliberal está o fato de as religiões se expressarem em comunidade de crentes e, com isso, vincularem presença de Deus e relação humana. Essa perspectiva reforça os espaços de convivência e caminhos mais livres de comunicação, de pluralismo religioso, de gratuidade e de serviço à vida.

Nesse sentido, mais do que anunciar a morte das religiões ou o fortalecimento delas, o autor analisa o que chamou de missão monoteísta caracterizada por uma retomada das raízes da experiência com Deus de cada uma delas e entre elas, em espírito de conversão e de reforma. Isso levaria as religiões a oferecer à sociedade motivos de esperança e abertura ao futuro, de comunhão

universal, de comunicação em amor em contraposição à lógica do sistema econômico neoliberal. Nas palavras do autor:

Dessa forma, as igrejas [*e as religiões*] serão lugares em que os crentes devem procurar superar a imposição, as táticas ou meios de violência, dialogando em liberdade e procurando cada qual o bem do outro, em comunhão que só é possível se houver uma experiência anterior e superior de *graça*, pois Deus se revela (encarna) em nós com amor sobre a morte (ressurreição). Fechados em si, os códigos de comunicação do sistema se tornam lei de morte, a serviço de seus controladores. Os argumentos puramente racionais acabam impondo um sistema objetivo de “verdades” que os privilegiados (de tipo leigo ou sacerdotal) usam para defender seus privilégios. Só o descobrimento de uma graça prévia, a serviço dos pobres, e a experiência-esperança de ressurreição tornam os homens capazes de se encarnar, doando a vida uns aos outros (PIKAZA IBARRONDO, 2002, p. 275, grifo do autor).

Pikaza Ibarondo afirma, ainda, que

[...] esta graça fundadora se expressa numa racionalidade que é forte porque não se exige dela que demonstre tudo, pois se apoia no Deus que vai além de todas as demonstrações, sendo precisamente graça. [...] O perigo do iluminismo estava em querer divinizar-se, crendo-se capaz de encontrar (postular) uma verdade universal de tipo racional (lei), para impô-la de modo econômico-social (neoliberalismo), suscitando a opressão dos pobres e a rejeição de alguns mais convictos (mulçumanos) [...] Contrariando esta posição, com base no dom prévio de Deus, segundo as tradições religiosas, devemos afirmar que os homens são sujeitos: não estão condenados, simplesmente, ao fracasso interior ou à ditadura do sistema, pois transbordam, por graça de Deus e transcendência humana, para o imenso campo da Vida (PIKAZA IBARRONDO, 2002, p. 276).
imenso campo da Vida. (PIKAZA, 2002, p. 276)

5 As armas do império e o poder do diálogo das religiões

Nos processos de construção da paz e da justiça, as análises globais das relações de dominação são, obviamente, fundamentais. Muitos teólogos e cientistas da religião têm se debruçado sobre as relações Norte-Sul e sobre os interesses econômicos e geopolíticos em torno das relações entre países e o papel das religiões nesses processos. No contexto latino-americano, o teólogo José Comblin foi um dos

que mais se destacou nas análises globais.

Em *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* (2005), uma pequena obra, em tom ensaísta, o autor apresenta uma visão panorâmica de questões relevantes para a reflexão teológica como o título do texto já nos mostra. A preocupação principal do autor, seguindo a tradição teológica latino-americana, é com as relações de dominação e de exclusão que marcam a atualidade, que caracterizam o domínio de um “novo império”, capitaneado pelos Estados Unidos da América, que condiciona e dirige todas as formas de pensamento, modos de viver e sistemas de valores.

Para o autor, a própria teologia se rende ao império, à medida que camufla em seus postulados os conflitos que marcam o mundo contemporâneo. Gera-se aí uma teologia distante do *kerigma* evangélico fundado na fé em Jesus Cristo. Para o autor, a pergunta fundamental a ser respondida pelos círculos teológicos e eclesiais é se o caminho de evangelização desejado deve ser definido “com as armas do império – repetindo erros do passado – ou pelo diálogo com as religiões do mundo?” (COMBLIN, 2005, p. 10).

Entre os temas tratados estão questões da doutrina da criação, da bioética, da cristologia, da eclesiologia, da escatologia e da missão. Em relação à esse último, o autor reconhece que ele se tornou desafiado pela teologia do pluralismo religioso, consequência da descolonização. O autor nos lembra que alguns grupos cristãos chegam a colocar em dúvida a própria missão ao se perguntarem se ela não teria como finalidade e como efeito a destruição das outras religiões e das outras culturas. Comblin (2005, p. 20-21) defende uma teologia da missão dentro do quadro de pluralismo religioso.

A revelação não é dom exclusivo do cristianismo. Ora, se todas as religiões receberam algo da revelação, pode haver diálogo e comunicação mútua entre elas. Todas podem aprender a parte de verdade que lhes foi revelada. Essas são questões levantadas pelo pluralismo das religiões. Por sua vez, a missão gera uma relação entre o missionário e os seus interlocutores. Durante séculos, a relação era entre um missionário, que sabia toda a verdade e ensinava essa verdade, e a outra pessoa, que era ignorante. Estabelecia-se, assim, uma relação entre tudo e nada. Agora, esse tipo de relação fica questionado. Voltando às origens, chega-se à consciência de que a missão não pode ser de conquista, nem aberta, nem

sub-reptícia. Ela não pode ser uma imposição, mesmo uma imposição disfarçada pela superioridade intelectual do missionário. Hoje, a doutrina missiológica professa que a missão se realiza no diálogo. Um diálogo supõe o encontro entre duas pessoas iguais, que pelo menos se situam em nível de igualdade. Não há diálogo possível entre superior e inferior.

Mas, como se fará o encontro do cristianismo com as demais religiões? Para o autor,

[...] se hoje as igrejas querem evangelizar, não podem evitar o diálogo com as grandes religiões – como se fez desde o século XVII, quando Roma cortou as relações com as religiões da China e da Índia, condenando os jesuítas que se haviam lançado à missão. Foi a primeira grande chance de evangelização perdida por causa do fetichismo dos dogmas (COMBLIN, 2005, p. 8).

O autor realça que os processos de evangelização não podem repetir as marcas de orgulho, de agressividade, de conquista e de dominação do cristianismo no passado. Uma nova atitude missionária, distanciada das forças militares, políticas, econômicas e culturais do império, deve dar base para um diálogo com as religiões mundiais. Trata-se de evangelizar sem superioridade de poder. Esse diálogo deve constituir-se como referência para todas as questões teológicas.

O diálogo advindo do pluralismo religioso está relacionado à questão da pobreza, pois ela é crucial para a fé cristã. Qual é a mensagem do cristianismo em meio a outras religiões? Em que ele se distingue? Se o cristianismo conseguir dar visibilidade à sua questão teológica primordial, prévia a qualquer exposição, que é a situação das pessoas pobres, ele poderá dar uma contribuição significativa para o diálogo inter-religioso.

Temos poucas experiências de missão no diálogo com as religiões, porque o que mais determinou a história do cristianismo no império romano foi o diálogo com os filósofos gregos. Quase nada sabemos do que aconteceu com os cristãos no império persa. Já que estes cristãos eram tratados como espíões do império romano, não tiveram muita oportunidade de desenvolvimento. Era preciso examinar mais atentamente o que aconteceu na Igreja da Etiópia, já que é a única que nos vem dos primeiros séculos. E procurar juntar uma documentação sobre as experiências de evangelização sem conquista. Ver, por exemplo, como na Coreia o cristianismo e as religiões locais reagiram uma sobre a outra. A experiência dos filósofos cristãos foi uma experiência de elites sociais e intelectuais. O que conhecemos menos é o contato e a comunicação entre o cristianismo e as outras religiões entre os pobres (COMBLIN, 2005, p. 23-24).

Também é importante destacar que entre os temas tratados por Comblin está o da revelação. A concepção do autor é que Deus se revelou a Israel, em especial aos profetas, dentro da cultura, conceitos e palavras hebraicas, mas revelou, também, que eles “não conheceram toda a verdade e cometeram erros. Deus revelou-lhes que também podiam errar. [...] Não podia [Deus] ter feito a mesma coisa com os fundadores das grandes religiões mundiais? Essas são questões para a teologia atual” (COMBLIN, 2005, p. 33).

Considerações finais

Nossa reflexão girou em torno do papel das religiões nos processos de estabelecimento da paz, da justiça e da sustentabilidade da vida. Consideramos, por suposto, que as grandes questões que afetam a humanidade e toda a criação requerem indicações teológicas consistentes e que há processos de abertura e de diálogo entre distintas religiões, em diversas frentes de ação, assim como há processos de enrijecimento das perspectivas religiosas, fortalecimento de práticas e valores fundamentalistas, acirramento de conflitos e reforço de culturas de violência. O quadro religioso vive intensamente essa ambiguidade e as reflexões teológicas precisam considerá-la atentamente.

Outra pressuposição importante com que trabalhamos foi que diante das diversas indagações sobre a vida, em especial os temas que envolvem a paz e a justiça no mundo, são necessários eixos norteadores para que a reflexão teológica possua a abrangência capaz de ser relevante diante dos desafios que a sociedade apresenta na atualidade. Nossa proposição é que a perspectiva ecumênica, uma vez articulada com as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais, dentro dos variados contextos históricos, pode oferecer densidade e amplitude para a reflexão teológica. Os esforços que valorizam a capacidade de diálogo e de sensibilidade ecumênica e aqueles que destacam a importância pública das religiões partem da concepção de que a perspectiva ecumênica, tanto em nível prático quanto em nível teórico-metodológico, requer e possibilita uma compreensão mais apurada da

realidade, um aperfeiçoamento de visões dialógicas e o cultivo de maior sensibilidade para a valorização da vida e para a promoção da paz e da justiça.

Destacamos, com base nas contribuições dos teólogos Hans Küng, Jürgen Moltmann, Julio de Santa Ana, Xavier Pikaza Ibarrondo e José Comblin, o valor do humano e da ética social para o diálogo inter-religioso, as possibilidades de uma unidade aberta, convidativa e integradora no âmbito das religiões, a importância pública das religiões e a compreensão delas como códigos de comunicação, e a relação entre o poder do império e o poder do diálogo das religiões. Nossa intenção foi realçar as possibilidades de uma teologia ecumênica das religiões tendo como eixo articulador a preocupação pela paz, pela justiça e pela integridade da criação.

REFERÊNCIAS

COMBLIN, José. **Quais os desafios dos temas teológicos atuais?** São Paulo: Paulus, 2005.

KÜNG, Hans. **Teologia a caminho:** fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial:** uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo:** em busca dos pontos comuns. Campinas: Verus, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. **Ciência e sabedoria:** um diálogo entre ciência natural e teologia. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação:** doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1992.

MOLTMANN, Jürgen. **O espírito da vida:** uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica:** caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PIKAZA, Xabier. **Monoteísmo e globalização**: Moisés, Jesus e Muhammad. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIKAZA, Xabier. **Violência e diálogo das religiões**: um projeto de paz. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANTA ANA, J. **O amor e as paixões**. Aparecida: Santuário, 1989.

SANTA ANA, Julio de. Diálogos inter-religiosos: dificuldades e promessas. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DO BRASIL. **Religiões e paz mundial**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 99-117.

SANTA ANA, Julio de. **Ecumenismo e libertação**: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987.